

Algumas considerações sobre a modalização autonímica no capítulo LV de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis

*Some considerations on the autonimic modulation in the chapter LV from
Memórias Póstumas de Brás Cubas, by Machado de Assis*

Adilson Guimarães Jardim¹
Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil

Resumo: O objetivo do presente artigo é apontar algumas características dos enunciados sem palavras no capítulo LV, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, “O velho diálogo de Adão e Eva”. Nele, o “defunto-autor” do livro (Brás Cubas) substitui tanto suas falas quanto as de Virgília por sinais de pontuação, limitando os possíveis sentidos desses signos mudos ao título que lhe serve de sumário, o que indica a necessidade de conciliar as teorias enunciativas com outras que lhe servem de apoio. Dessa forma, para realizar uma leitura desse diálogo na sua própria enunciação, serão aplicadas algumas ideias de Jacqueline Authier-Revuz sobre a modalização autonímica (termo de Rey-Debove), como teoria principal a partir do estudo do inconsciente (com base em Lacan) e da opacidade do signo. As falas dessas personagens, no encontro sexual a que se entregam, e nos termos como serão apresentados neste estudo, são índices de uma linguagem tornada transparente apenas pelas notações circunvizinhas que lhe servem de paratextos, significantes opacos que expressam o arrebatamento amoroso dos amantes com palavras que constituem uma não-língua, e que torna esses sujeitos significantes da cena estudada.

Palavras-chave: Enunciação. Literatura Brasileira. Homodiegese. Lalíngua. Remissão.

Abstract: The aim of the present article is to point out some characteristics of the wordless enunciations in the LV chapter — “The Old Dialogue between Adam and Eve” — from *Memórias póstumas de Brás Cubas* (The Posthumous Memoirs of Brás Cubas, 1881), by Machado de Assis. In that chapter, the “deceased man recently an author,” in the book (Brás Cubas) substitutes his and Virgília’s speeches by punctuation marks, limiting the possible meanings of these mute signs to the title that works as their summary, which reveals the necessity to reconcile the enunciation theories with other theories that support them. Thus, to read the dialogue in its own enunciation, some of Jacqueline Authier-Revuz’s ideas on autonimic modulation (Rey-Debove’s expression) will be applied as main theory, parting from the study of the unconscious (based on Lacan’s works) and the opacity of the sign. The characters’s speeches during the sexual encounter to which they surrender, and as they are going to be presented in this study, are indexes of a language made clear only by information found in adjacent chapters that works as paratexts, opaque signifiers that express the loving rapture of the lovers with words that constitutes a non-language that turns the characters into signifiers of the studied scene.

Keywords: Enunciation. Brazilian Literature. Homodiegesis. Lalanguage. Remission.

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade de Pernambuco. E-mail: adilsonguimaraesjardim@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O direito de dar nomes vai tão longe
que se pode considerar a própria origem da linguagem
como um ato de autoridade que emana daqueles que dominam
(Nietzsche, *A Genealogia da Moral*)

A metodologia adotada neste artigo procura conciliar disciplinas distintas na linguística, a saber, as teorias da enunciação e as do discurso, além de um recorte da teoria psicanalítica lacaniana. Os motivos pelos quais se antecipa aqui a exposição dos métodos em lugar do tema, do objeto da pesquisa e dos objetivos, é o reconhecimento dos riscos de se estar incorrendo em derivas irremediáveis das teorias da enunciação, base teórica deste estudo e foco da avaliação a que o autor ora se submete.

Ao discutirem o que caracteriza essa disciplina, Flores e Teixeira apontam o fato de que ela “estuda a enunciação do sujeito e não o sujeito em si” (2005, p. 107). Para os autores, esse sujeito, ligado à história e que traz as marcas do grupo e as ideologias com que ele comunga, importa menos a suas teorias, uma vez que os instrumentos necessários para analisar o locutor seriam exteriores a elas. Ainda assim, ambos alertam no mesmo estudo sobre como a dinâmica da língua em seu pleno uso encontra algumas dificuldades cujos limites entre metodologias, epistemologias e procedimentos são difíceis de serem demarcados. Da mesma forma, deseja-se apenas mostrar que as ideias expostas no presente artigo não fogem ao escopo das teorias enunciativas, antes serão analisadas as representações das falas no capítulo LV do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, numa relação inseparável entre os significantes e os significados aí presentes, tendo as ideias de Jacqueline Authier-Revuz como norte deste trabalho. Em outros termos, não há propósito no presente estudo de se afastar do objeto da linguística, a saber, a própria língua e os mecanismos de sua realização, o que inclui os enunciados, os atos enunciativos e os locutores. A diferença, seguindo essa autora, é que o discurso e seus usuários (as personagens do texto literário analisado) estão aqui condicionados ao ato mesmo da enunciação e das condições de sua materialização no texto.

De fato, o objeto desta pesquisa é um capítulo inteiro de um livro construído com simulações de discursos diretos, enunciações de duas personagens trazidas ao leitor por uma delas, narrador homodiegético (que participa das cenas que descreve), mas que por não conter palavras não se convertem propriamente em falas inteligíveis, mas as deixam entrever em potência, assim como seu sentido, de acordo com outras marcações a serem descritas no artigo. Subtração de palavras que conciliam o que podem significar e o que marcam vazios retóricos em plena descrição de atos de fala não-intelectivos no momento de sua enunciação.

O argumento se aqui centra, portanto, na análise de enunciados mudos, cujas marcações revelam o silêncio que alude o discurso, presas que as personagens estão do arrebatamento amoroso e aparentemente só discerníveis na análise dos sujeitos a partir de um proto-sentido encontrado no título e em outros capítulos próximos. Essa proposição, se parece revelar grande inclinação para a análise do discurso no lugar da enunciação, é

no instante da pronúncia desses signos vazios, no entanto, das falas do casal no capítulo analisado, que se centra na leitura aqui proposta. É necessário que se diga, de outra forma, que o apoio de outras teorias apenas reforça a tese aqui defendida, investida nos esforços de uma leitura panorâmica do capítulo mencionado, além de outros que o cercam (o LIII, o LIV e o LVI). Para esse entendimento, deve-se considerar o fato de que o romance, na linguagem literária, constitui uma unidade com partes que se auto justificam, como se vê nas teorias sobre esse gênero propostas por Mikhail Bakhtin². O que segue é que esses capítulos precedentes e o imediatamente posterior ao LV legitimam, como se defende aqui, o sentido deste capítulo objeto do artigo no livro de Machado de Assis, uma vez que representam o desenrolar dos acontecimentos, numa sequência cronológica das ações. Posto isso, apresentam-se as ideias das referências bibliográficas e que estruturam o estudo, em simultaneidade com a análise do objeto da pesquisa.

2 A ESTRUTURA AUTONÍMICA DO CAPÍTULO LV

Eu gosto de catar o mínimo e o escondido.
Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a
curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto
(Machado de Assis, A Semana, In *Gazeta de Notícias*, 11/11/1900)

O capítulo analisado neste artigo descreve, na forma como é apresentado pelo narrador-personagem (Brás Cubas), um desfecho das volições dele próprio e da personagem Virgília. Representação dos desejos, arrebatamento das paixões no encontro dos corpos, cujas falas simulam a vontade que não pode mais ser adiada, nem encontram palavras para expressarem o desejo. Essas lacunas de sentido, expressas por significantes que as representam, serão analisadas a partir das teorias elencadas neste estudo. Assim se apresenta no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a cena do encontro dos amantes, na forma de uma estrutura privada em relação ao estilo da linguagem no restante do livro de Machado de Assis:

Capítulo LV / o velbo diálogo de Adão e Eva

BRÁS CUBAS
.....?
VIRGÍLIA
.....?
BRÁS CUBAS

² As teorias do romance, do filósofo russo, presentes neste estudo *in absentia*, o que inclui problematizar o romance como um gênero, não serão aprofundadas aqui, mas recomenda-se a leitura de suas proposições em: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance III: o romance como gênero literário*. São Paulo: 34, Paulo Bezerra (trad.), 2019.

.....
VIRGÍLIA

.....!
BRÁS CUBAS

.....
VIRGÍLIA

.....?
.....

.....
BRÁS CUBAS

.....
BRÁS CUBAS

.....!
.....

.....!
.....

.....!
.....

VIRGÍLIA

.....?

BRÁS CUBAS

.....!

VIRGÍLIA³

.....!

Os leitores que estão familiarizados com o estilo da linguagem dos textos narrativos devem reconhecer as marcas enunciativas da literatura de ficção. Assim, nas representações do discurso indireto, os verbos dicendi, como “ele/a disse”, expressões do tipo “de acordo com ele/a” etc. E, no discurso direto, as aspas, os travessões longos ou outros inúmeros sinais e formatos numa perspectiva mais ampla das literaturas no século XX em diante. No caso do capítulo em estudo, o empréstimo das marcações do texto teatral, com os nomes próprios em caixa alta seguidos das falas representadas, a modo de didascálias.

Essas explicações preliminares são relevantes por tratar de uma forma eleita pelo escritor no estilo da linguagem desse capítulo, como índice de uma performatividade enunciativa, cujas personagens se tornam atores mudos que substituem as falas por gestos em um palco no qual se converte esse diálogo. Na realidade, falso diálogo de atores sem expressão, com falas opacas no arrebatamento amoroso, cuja pontuação atua no lugar das palavras. Representações de expressões cuja mudez é ela mesma fala e gesto, ou dito nos termos da semiologia, significantes e significados. Autônimia desse narrador-defunto que é o Brás Cubas. Para melhor explicar esse efeito de modalização do discurso que se volta para si mesmo, revela ou descreve em ato a suspensão de palavras enquanto as “fala” (ou, nesse caso, as representa), lança-se mão aqui das teorias de Jacqueline Authier-Revuz.

³ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. *Dom Casmurro*. Coleção Imortais da Literatura Universal. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1995.

A autora de *Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido* (Cf. as referências) empresta de Rey-Debove o conceito de *modalização autonímica*, que, a partir do estudo do inconsciente e da opacidade do signo, permite-se apontar nas falas mudas das personagens nesse capítulo analisado a ausência de palavras cujo sentido denota uma zona de tensão e excesso, representada pelo ato impossível de falar no exercício do gozo sexual⁴. Sinais gráficos (reticências, interrogações e exclamações) e significantes que espelham essa não-língua, efêmera e sensorial.

Para a autora, na modalização ou conotação autonímica, forma mais complexa de heterogeneidade discursiva, “o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso (sem a ruptura própria à autonímia) e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (Authier-Revuz, 2004, p. 13). Entre as marcações no discurso que aponta essa presença das palavras, Authier-Revuz se mostra interessada pelo que chama de “fórmulas de comentário”, articulações do discurso pelo locutor, através das quais ele se reporta à informação que se torna evidente no enunciado. Essas fórmulas, que para Authier-Revuz podem ser definidas pela glosa⁵, o retoque ou o ajustamento no discurso, por exemplo, permitem à autora apontar uma série de mecanismos de comunicação que destacam fragmentos do discurso. Entre eles, o que indica a variedade de língua adequada aos interlocutores e à situação, as instruções variadíssimas segundo a forma de interpretação do elemento referido e a adaptação das palavras, nas formas de remissão, marcas no discurso que apontam os trechos da mensagem como “vindos de outro lugar” (Authier-Revuz, 2004, op. cit., p. 17). Acrescenta-se aqui o recurso da ironia, presente no título do capítulo de Machado de Assis.

Se a perspectiva com que a autora descreve a remissão parece restringir-se a parte do próprio enunciado, que revela as marcas das falas alheias nas falas do locutor, julga-se lícito aqui aplicar tais descrições ao capítulo estudado. É certo que nas suas considerações, Authier-Revuz refere-se a um “modo de enunciar” que contém o enunciado alheio. Aqui, no capítulo analisado, o sentido dos enunciados de Brás Cubas e Virgília só pode ser vagamente recuperado, não o que dizem, mas os motivos pelos quais “não dizem”, no próprio título do capítulo, além de em enunciados ditos antes (os dois capítulos anteriores) e depois (o capítulo que segue). É essa forma de remissão (e de resumo), defende-se aqui, que permite ao locutor (Brás Cubas) deixar vazios nos enunciados que reproduzem intenções e atos velados só preenchidos por outros enunciados desenvolvidos no livro.

A descrição das informações que apontam a direção da cena desenvolvida neste capítulo pode ser iniciada a partir de diversas direções que servem como as “fórmulas de comentário” mencionadas por Authier-Revuz e sobre as quais importa analisar. Seja o título, “Velho diálogo de Adão e Eva”, que no contexto bíblico não possui palavras além das utilizadas para a ação do pecado. O dom divino da fala e o direito de com ela nomear as espécies, dada a Adão, no “diálogo” com Eva, título desse capítulo machadiano, é aqui

⁴ As considerações que se fazem neste estudo não se apoiam em nenhuma outra análise desse capítulo de Machado de Assis, já certamente desenvolvidas em outras pesquisas.

⁵ Na literatura em versos, a *glosa* se caracteriza por uma estrofe que serve de mote ou pretexto com que o poeta desenvolve o tema de seu poema. Não é muito diferente aqui em linguística, a possibilidade de desenvolver um tema por outros termos, sem necessariamente tratar-se do recurso parafrástico.

compreendido como o espelhamento da corrupção do texto divino e de todas as falas posteriores, e em obediência ao discurso da serpente, em direção ao ato de comer o fruto proibido, equivalente a todas as interdições no discurso. Nesse sentido, também, “comer”, “ser comido” são possibilidades metafóricas que enriquecem a enunciação pressuposta no capítulo. Para melhor entendimento do que se defende aqui sobre as possíveis enunciações eróticas que atravessam o capítulo LV, recorre-se a algumas considerações de Dominique Maingueneau sobre o discurso pornográfico (Cf. as referências).

3 A NOÇÃO DE “CENA” NO DISCURSO PORNOGRÁFICO E A HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA

A partir das observações anteriores sobre a aproximação da estrutura desse capítulo LV das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a do texto teatral (as personagens se convertem em “atores”), a “cena”, como Maingueneau descreve acerca do discurso pornográfico, coincide com uma sequência que consiste em adiar a representação do orgasmo, na descrição metódica de palavras e/ou atos para que o escritor alcance o efeito de excitação no leitor. Trata-se do desenho dos quadros do ato sexual na sua inteireza, não negligenciado pelo autor, que o expõe como arrebatamento dos corpos na tensão (ou tesão) peculiar à cena. É possível encontrar no texto, no entanto, uma representação parcial ou “alusiva” do sexo, como aponta o estudioso:

[com a alusão,] o narrador reafirma a *doxa* que opõe sexualidade a amor verdadeiro, algo que justifica obliquamente a elisão da cena. [...] a priori não importa o que pode acontecer, a sucessão dos atos é contingente. Mas essa gratuidade de encadeamentos é mascarada pela contingência de códigos não escritos. O que cada um dirá ou fará na sequência na cama obedece a certo horizonte de expectativas, a um roteiro mais ou menos previsto, seja das palavras de sedução, seguidas do sexo [...] e, por fim, [do] orgasmo. (Maingueneau, 2010, p. 53)

Nas representações literárias do amor romântico, o que é próprio dos amantes, a cena exige e fixa na sequência completa, do primeiro beijo ao calor dos corpos. Se a sequência é suspensa, revela-se então a obscenidade, lança-se à imaginação o que há de palavras “impuras”, “licenciosas”, “pornográficas” e, portanto, interditas ao leitor. Nesse sentido, entre os enunciados nos quais a presença do outro (ou suas falas vetadas) não é explicitada no contexto, caso da ironia, da antífrase, do estereótipo e outras formas discursivas, a alusão representa a essência do enunciado, a eficácia retórica que permite ao locutor encobrir o outro, como “jogo”, ao mesmo tempo em que dilui a eficácia linguística na representação dos sentidos no enunciado. Esse jogo representa um limite de onde vem o prazer da comunicação, “colocando a presença do outro em evidência tanto mais que é sem o auxílio do ‘dito’ que ela se manifesta” (Authier-Revuz, 2004, op. cit., p. 18).

No encontro entre Brás Cubas e Virgília, o primeiro lugar de seus encontros sexuais importa como ambientação que caracteriza os atos enunciativos interditados, a

casa de Virgília e do esposo dela. Quanto ao enredo, para Maingueneau, essa é uma noção que na cena pornográfica não tem pertinência. De fato, na cena do capítulo LV de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, importam pouco as palavras no seu aspecto de significado evidente, encoberto pelos significantes que aí são expostos. Esse “salto alusivo” da cena, adianta-se aqui, está plenamente explicado no capítulo anterior, e justifica a mudez dos signos discursivos nele presentes. Em seguida, Maingueneau mostra alguns modos de encadeamento dessas cenas, sendo clássica (e aqui coincidente com o capítulo analisado) a técnica da “justaposição”, a do narrador homodiegético que narra suas aventuras sexuais a um terceiro. É assim, nesse romance, que Brás Cubas, o defunto-autor, descreve de modo sutil ao leitor, seu interlocutor pós-morte, um de seus encontros amorosos com Virgília, na inteireza de esgares e embaçamentos (os signos opacos) das palavras subsumidas na cena. Aí, a descrição do encontro por enunciados “mudos” é ditada pelo encadeamento de cenas que extravasam o capítulo, sendo, portanto, seu título uma alusão ao diálogo não mostrado na Bíblia, o ato que levou Adão e Eva à sua perdição, o pecado do fruto proibido. Aspecto importante para este estudo, na descrição de Maingueneau sobre o discurso pornográfico, aponta o caráter realístico do erotismo menos que de algum romântico, além de justificar as palavras que nunca serão ditas de fato:

[...] o relato pornográfico não pode ser verdadeiramente romanesco. As cenas ali são mal e parcamente articuladas por um simulacro de enredo apoiado em motivações psicológicas ou sociais às quais o leitor não chega realmente a dar crédito (Maingueneau, op. cit., p. 59).

Assim, tampouco importa o que diriam os amantes neste capítulo. Talvez palavras tolas e mentirosas sobre amor, para motivar ao sexo, a persuasão de Virgília por Brás Cubas ao desfecho erótico. Aqui se recorre ao capítulo LVI, no qual Brás Cubas descreve seu ímpeto em acessar a cama da amada, convencido de um desejo intensificado pelos anos (igualmente vazios no hiato do encontro entre os amantes) e pela experiência adquirida pelos sujeitos, cujas restrições sociais (o casamento de Virgília) não fazia diferença para ambos mais do que pela saciedade buscada:

Mas, com a breca! Quem me explicará a razão desta diferença? Um dia vimo-nos, tratamos o casamento, desfizemo-lo e separamo-nos, a frio, sem dor, porque não houvera paixão nenhuma; mordeu-me apenas algum despeito e nada mais. Correm anos, torno a vê-la, damos três ou quatro giros de valsa, e eis-nos a amarmos um ao outro com delírio. A beleza de Virgília chegara, é certo, a um alto grau de apuro, mas nós éramos substancialmente os mesmos, e eu, à minha parte, não me tornara nem mais bonito nem mais elegante. Quem me explicará a razão dessa diferença? (Assis, op. cit., p. 241)

Importa enfatizar a presença dos enunciados opacos deste capítulo como necessários à ordem dos significantes que muito dizem dos sentimentos por eles representados. Vazio vital para explicação da paixão desenfreada. As “motivações psicológicas” a que Maingueneau faz alusão na passagem anterior remete àquelas volições

a que se fez menção anteriormente e que representa, no estilo da linguagem do capítulo, os afetos e o arrebatamento amoroso que leva as personagens ao laconismo actancial que torna a linguagem impossível, e, no entanto, emitida na tentativa de falar. Essa situação aí pressuposta na obra põe em cena os vestígios de um dizer-erótico, do signo opaco pela necessidade do silêncio, mas que não pode ser negada em sua presença fantasmática, desdobramento enunciativo, metaenunciação, um falar sobre sexo sem mostrá-lo, mas deixando entrever que ele está ali, que o narrador aponta sua impossibilidade de enunciação, torna-a ativa e essencial na medida em que a encobre no jogo enunciativo de sinais gráficos.

Por ora, na ausência de expressão adequada às falas trocadas por marcações gramaticais e que representam potencialmente o encontro sexual, lança-se a sugestão de “discurso orgástico”, que pode ser marcado por palavras-tabu (pornografias, onomatopeias que representam gemidos), ou palavras “fora de cena” (obscena), sem sentido quando articuladas no texto, ou ainda substituídas por sinais gramaticais que representam simbolicamente a afasia temporária na relação sexual.

É necessário reforçar com Authier-Revuz, como descrevem Flores e Teixeira (2005, op. cit., p. 74), que a modalização autonímica cita o enunciado alheio, apontando a heterogeneidade do discurso, enquanto traz à superfície do texto o ato mesmo de tê-lo mencionado (aspas, itálico, citação direta e indireta etc.). Como se defende aqui, há outras formas, no entanto, que podem apontar essa modalização. Por exemplo, no caso do capítulo estudado, os enunciados dos capítulos anteriores e os do imediatamente posterior, que indicam sentidos desses enunciados sem palavras. Além do título do capítulo, ora apontado acima, sirva como novo exemplo do sentido possível das falas não-inteligíveis do casal nesse trecho, o comentário de Brás Cubas sobre as primeiras tentativas dos amantes do encontro íntimo, como no capítulo LIII:

Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo, que ela me deu trêmula — coitadinha —, trêmula de medo, porque era o portão da chácara (Assis, op. cit., p. 239).

Neste capítulo, Brás Cubas descreve ao leitor os primeiros ímpetos do casal, em meio aos riscos de serem descobertos. Virgília, que a essa altura reencontra seu antigo pretendente em época de casada, deixa-se levar pelo desejo do futuro amante, pelo qual beija-lhe à porta da casa onde vivia com seu esposo. A modalização autonímica como se nota presente no capítulo LV do livro de Machado de Assis, é preciso insistir, revela-se como resultado de uma paixão crescente nos arroubos do casal e nas intenções mal disfarçadas de Brás Cubas, cujas palavras são, enfim, suspensas no momento em que o enamorado sem pudor salta a janela de Virgília, como se vê ainda no seguinte trecho do capítulo LIV:

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. [...] As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre as outras. [...] o meu pensamento, ardiloso e traquinas, saltou pela janela fora, e bateu as asas na direção da casa de Virgília. Aí achou ao peitoril de uma janela o pensamento de Virgília, saudaram-se e ficaram de palestra. Nós a rolarmos na cama, talvez com frio, necessitados de repouso, e os dois vadios ali postos, a repetirem o velho diálogo de Adão e Eva. (Assis, 1995, Op. cit., p. 238-239)

Note-se nos dois capítulos precedentes que a menção que Brás Cubas faz a palavras e enunciados descritivos apontam a própria dificuldade apresentada pela personagem em apresentar adequadamente os sentimentos que o assaltam, como se pode perceber na expressão que denota incerteza, “não lhes poderei dizer, ao certo”, e finalmente em uma que aponta certo descaso no interesse da precisão, “se assim lhe quiserem chamar”. Julga-se importante, ainda, para a ampliação da análise e em consonância com as ideias de Authier-Revuz, a menção ao fato de que a personagem-narradora Brás Cubas reconhece o efeito do inconsciente minando seus enunciados, uma vez que faz referência a fantasias justapostas e mesmo a “pensamentos traquinas”, e a isso faz remissão constante. Assim, “O velho diálogo de Adão e Eva” no parágrafo final do capítulo LIV acima apresentado é antecedido da reprodução das falas suspensas pelos amantes, em expressões que lhe servem de significantes anunciadores da cena do capítulo seguinte: o pensamento de Brás Cubas se encontra com o de Virgília, e ambos ficam de “palestra”, cujo conteúdo expressivo é descrito pelas ações dos amantes, e que seguem afinal a descrição desse diálogo com signos que suspendem definitivamente as enunciações de fórum intelectual. “Palestra”, “diálogo”, gêneros linguísticos em que as ações substituem as palavras, e as palavras que certamente foram enunciadas não podem ser ditas, não estão, portanto, presentes no capítulo.

Se, para Authier-Revuz, muitos enunciados na modalidade autonímica apontam explicitamente a fala do outro no discurso do locutor, em outros a heterogeneidade necessita de marcações diversas onde se faz (ou deveria se fazer) presente. Nesse aspecto, a autora menciona duas formas com que a heterogeneidade se apresenta. A *heterogeneidade mostrada* (o outro é apresentado diretamente no texto por sinais gramaticais específicos, como os acima elencados, e que apontam uma homogeneidade do discurso), e a *heterogeneidade constitutiva*. Importa aqui desenvolver esta última na análise do objeto em estudo.

Segundo a Autora,

a consideração da heterogeneidade constitutiva é, a meu ver, uma ancoragem, necessária, no exterior do linguístico: e isso, não somente para as formas que parecem oscilar facilmente devido às modalidades incertas de seu resgate, mas, fundamentalmente, para as formas mais explícitas, mais intencionais, mais delimitadas da presença do outro no discurso. (Authier-Revuz, op. cit., p. 22)

Essa “exterioridade linguística” mencionada pela autora produz um efeito de clivagem no jogo das teorias clássicas da enunciação que põe em cena a necessidade de

menção de outras teorias para complementá-las. Assim, a *heterogeneidade constitutiva* não é “dada a ver”, clara no enunciado exposto, nem facilmente demarcada linguisticamente; sequer permanece explicada no interior do enunciado. Seu sentido se desloca do texto para o locutor, suas motivações, suas subjetividades atravessadas tanto pelo outro quanto por suas reflexões de si no interior da linguagem. Não se atreverá aqui uma negação das teorias bakhtinianas sobre a construção do sujeito a partir dos outros que os atravessam polifonicamente, mas tampouco se negará o tipo de construção do sujeito feito também de lacunas de significação, da subjetividade que torna o inconsciente uma arena de configuração do sujeito.

De fato, note-se que Authier-Revuz prevê em seu estudo, por um lado, o efeito de intersubjetividade bakhtiniana⁶, na relação de alteridade e de resposta antecipada, relação entre o já-dito e a resposta esperada para cada situação. Por outro, tomando como base o estudo do inconsciente lacaniano, bem como a noção de *interdiscurso* de Pêcheux (o que não é dito e não possui margens identificáveis), descreve os sentidos só possíveis de serem recuperados no que não é dito no enunciado, mas que subjaz em um alhures do discurso ou na compreensão do sujeito locutor. Assim, a autora lança luz nas teorias enunciativas sobre o sujeito do inconsciente, simbólico mas materializado de certo modo no texto pelo ato mesmo do locutor real perceber sua própria fala e explicitar essa auto-percepção (portanto, autonímica) através das marcações como as aspas, o itálico etc., antes anunciadas neste artigo.

Assim, Authier-Revuz anuncia em seu estudo sobre a autonímia:

É nesta perspectiva, linguística, que eu procuro o apoio e a ancoragem de duas abordagens não-linguísticas da heterogeneidade constitutiva da fala e do discurso: o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise (através da leitura de Freud, marcada por Lacan). Os trabalhos de Bakhtin estão fundamentalmente inscritos no campo semiótico e literário; a psicanálise tem por objeto o inconsciente. A linguagem, a língua, o discurso, o sujeito falante não são — ou para Bakhtin só são parcialmente — seu objeto, mas um material essencial à apreensão de seu próprio objeto. (2004, op. cit., 23)

Se o inconsciente é mencionado por Authier-Revuz como resgate e para aprofundamento dos estudos de Ferdinand de Saussure sobre fala e pensamento, o imaginário como zona limite entre o real e o simbólico aponta alguns problemas na expressão linguística que fazem a estudiosa colocar o psicanalista Jacques Lacan para dentro do seu estudo. Assinala-se aqui, entretanto, uma deriva das teorias de Pêcheux sobre o *interdiscurso*, e um maior aprofundamento das teorias lacanianas sobre o inconsciente.

⁶ Se para Mikhail Bakhtin os enunciados são atravessados polifonicamente por uma vasta gama de discursos, Jacqueline Authier-Revuz problematiza com a ideia de “sujeito efeito da linguagem”, imprevisível e aberto a diversos sentidos. Interessa pouco à pesquisa o conceito de *interdiscurso*, de Pêcheux, emprestado por Authier-Revuz em seu estudo. Em seu lugar, serão aprofundadas as expressões lacanianas de “lalíngua” e “sinthoma”, como anunciadas antes neste trabalho.

4 “LALÍNGUA”, “SINTHOMA” E O CAMPO DE REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM OPACA

Em seu estudo sobre o valor da significação e do conceito mais amplo sobre a ideia de conhecimento por parte dos psicanalistas na apreensão do seu objeto de estudo, Lacan observa que a incompreensão é admitida como sintoma dos pacientes, tomada entre os psicólogos como um valor de verdade. Num exercício de autocritica, ele aponta as lacunas de entendimento e capacidade nem sempre realizável de nomear as coisas com precisão, como é própria de toda relação intersubjetiva (Lacan, [Ano?], pg. 29).

Nesse sentido, o psicanalista francês utiliza o conceito de “campo” como espaço comunicacional atravessado pela palavra e pela linguagem, constituído pelo que ele denominou de *lalangue*, de onde está excluída toda psicologia, no sentido de apreendida por outrem, espaço de afetos e subjetividades dos sujeitos nos enunciados. As linguagens, se são entendidas como simbólicas, para Lacan não deixa também de ser uma coisa real, mas se configura em uma materialidade nem sempre passível (ou desejável) de ser plenamente expressa, entendida como sendo feita apenas de significantes (ver Lacan, op. cit., p. 34). Aí, o autor menciona a impossibilidade de falar da relação sexual entre homem e mulher, por exemplo, sem reduzi-la a um amontoado de termos que serão sempre um saber acadêmico constituído por expressões errantes, formadas por significantes sem significação quando postos na relação enunciativa entre os interlocutores (*lalangue*).

A *lalangue* (ou “lalíngua”, segundo sugestão do tradutor e poeta Haroldo de Campos, como doravante será aqui nomeada)⁷ é um termo cunhado por Lacan para designar uma língua afetiva, gerada na infância no contato com a língua materna e apartada de todas as linguagens, estas submetidas a regras e de caráter universal:

A lalíngua é de cada um, própria a cada ser humano a partir da sua relação particular com a língua falada no lugar onde nasceu e foi criado. [...] a “língua” com a “lalação”, que se refere àquela forma de falar do bebê (aproximadamente entre 1 ano e 2 anos e meio) que parece uma língua própria, antes mesmo da aquisição da fala propriamente dita, ou seja, antes mesmo da articulação significante. Cada ser humano, como ser falante, nasce e cresce recebendo a chuva – de pequenas gotas até enxurradas – da língua em que nasce e vai dela se apropriando e constituindo a sua língua própria, começando pela lalação, em que a musicalidade – com seu ritmo, cadências, entonações, graves e agudos –, permite à criança expressar seus desejos e afetos – do júbilo ao ódio, da tristeza à exaltação. (Quinet, 2016, p. 245)

Com isso, Lacan redefine o inconsciente como um “saber inscrito na lalíngua”, em termo de palavras de uma língua própria, de uma língua de afetos e pertencente apenas ao locutor, resgatada no divã ou na arte (o psicanalista francês desenvolve seus estudos

⁷ In QUINET, Antonio. *Lalangue e sinthoma*. (Artigo). In *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP, n° 38, jul-dez 2016.

dessa língua-outra a partir das leituras de James Joyce, autor do romance experimental *Ulysses*). Assim, língua feita apenas de significantes, a lálíngua investe suas forças na materialidade sonora, no “trá-lá-lá” infantil, como demonstra Quinet (2016, op. cit., p. 246), nas palavras agradáveis ou insuportáveis, finalmente, nos jogos gramaticais sem palavras, como nos enunciados do capítulo machadiano analisado neste artigo, e mesmo na performatividade do corpo, que os sujeitos tornam uma escritura. Nesse capítulo LV, um corpo erótico escrito na cena por um Adão e uma Eva tornados uma lálíngua, original e transcritiva (Quinet, 2016, op. cit., 248), para além do que pode ser apreendido pela língua que é de todos e de ninguém.

Essa liberdade de (re)nomear os objetos com uma língua outra, tão própria da arte, torna esses locutores na cena do capítulo machadiano o *falasser* lacaniano, uma conjunção entre falar e ser a um só tempo⁸. Curiosamente, Lacan lembra que Adão foi a quem Deus deu o direito de nomear as coisas, e que assim que tal direito foi dado a Eva, ela usou esse dom de falar para se comunicar com a serpente. Ou seja, falar é já “ser”, tomar decisões, escolher as coisas que evoca com o ato de falar delas. O “velho diálogo entre Adão e Eva” é também no livro eivado de palavras-ações, tanto do desejo de silenciar, quanto tomado da mesma imprecisão vocabular com que Brás Cubas anuncia em capítulo anterior os sentimentos e impressões que assaltam a ele e à amante.

Essa imprecisão vocabular, linguagem alusiva, como dirá Maingueneau nos estudos sobre a cena pornográfica, “remissões”, como nomeará Authier-Revuz, Lacan denomina “sinthoma”, o que escapa do sentido (Lacan 2007, pg. 15). De acordo com Quinet (op. cit., p. 250) em estudo sobre a terminologia lacaniana, se o “sintoma” é definido a partir do simbólico e atravessa a realidade em sua expressão material (da palavra), o “sinthoma” é, para Lacan, “aquilo que, não cessando de se escrever, supre o que não cessa de não se escrever, ou seja, a relação sexual”. Se o *sintoma* é um sinal materializado de uma patologia, o *sinthoma* é então a tentativa de fixar o significante em palavras no ato sexual, que nos enunciados são simbolizados por pontuação, reticências e outros signos representativos da linguagem interrompida. Essa suspensão das palavras encontra na análise lacaniana o mesmo efeito previsto por Authier-Revuz na opacidade do signo, entre eles:

[...] a) para indicar que o narrador ou o personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias; b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, dúvida ou timidez de quem fala; c) para assinalar certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo etc.); d) para indicar que a ideia que se pretende exprimir não se completa na articulação gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor (Quinet, op. cit., p. 253-254).

É nesse *falasser* que Brás Cubas se converte e instaura ao leitor sua língua tagarela, sua língua perniciosa saturada de subentendidos imorais com que subjuga a amante, cheia de interrogações sobre a proibição da cena. Mas, afinal, quem questiona o que, quem

⁸ De *parlêtre*, *parler* + *être* (falar + ser), palavra criada por Lacan. O *falasser*, tradução para esse termo, é sugerido por Quinet, autor mencionado nas referências.

assevera o que, quem diz a palavra final dessa *lalingua*, afetada pelo *sinthoma* em plena lalação, palco de afetos e de extravasamentos do idioma?

Note-se que o capítulo LV de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* poderia ser suprimido inteiramente, uma vez que seu título é um prenúncio da cena anunciada no final do capítulo anterior, e cujo desfecho já prescinde dele. Mas ocorre que é um defunto-autor que narra ao leitor suas extravagâncias em vida, missivista de além-túmulo, livre de todas as restrições sociais, das etiquetas de bons modos, dos interditos e dos tabus, inclusive os das linguagens que condicionam e nomeiam os sujeitos do discurso.

Esse autor-defunto, ao se tornar um defunto-autor, torna-se *falasser*, indistinto da língua que agora enuncia e que lhe é tão própria que se torna parte constitutiva de sua essência, de seu ser moral. Se as palavras ditas por ele e sua amante não podem ser ditas (*sinthoma*), explica-se por um desvio “lalinguístico” do narrador para quem elas agora não importam mais do que o resultado que as atravessaram e as superaram, ou como Brás Cubas anuncia: “Quem me explicará a razão dessa diferença?” (Assis, op. cit., pg. 241).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações feitas por Jacqueline Authier-Revuz sobre a modalização autonímica, e com o apoio de outras teorias na análise do texto de Machado de Assis aqui inseridas, espera-se ter contribuído para uma reflexão do alcance das teorias enunciativas, além de uma análise potencial do capítulo selecionado como corpus da pesquisa. É preciso asseverar as pressões extralinguísticas que certos enunciados literários exercem sobre as teorias, e como forma de incentivar a expansão do campo discursivo para questões ainda não discutidas.

As teorias da análise do discurso e da psicanálise, ao invés de constituírem aqui aporias às análises da enunciação, encontram nessa autora as condições favoráveis para um imbricamento de epistemes diversas que (re)configuram o objeto em análise, certos objetos, na compreensão mais ampla de sua constituição, que os métodos das disciplinas empregadas em sua análise não poderiam solucionar isoladamente. Nessas condições, defende-se ser possível uma ampliação dos campos de ancoragem em que as diversas teorias se encontram, para o bem de sua inteligibilidade e do êxito de encontrar respostas para algumas questões, assim como soluções para certos problemas que os diversos temas levantam, sem a implicação de problematizar as próprias disciplinas.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. *Dom Casmurro*. Coleção Imortais da Literatura Universal. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1995.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a Transparência e a Opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores (trad.), 2004.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

- LACAN, Jacques. *O Saber do Psicanalista: Seminário 19 (1971-1972)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos, Ana Izabel Correa, Letícia Fonseca Nanette Frej (trad.), Ano [?]
- LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Sérgio Laia (trad.), 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O Discurso Pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, Marcos Marcionilo (trad.), 2010.
- QUINET, Antonio. Lalangue e sinthoma. (Artigo). In *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP, n° 38, jul-dez 2016.